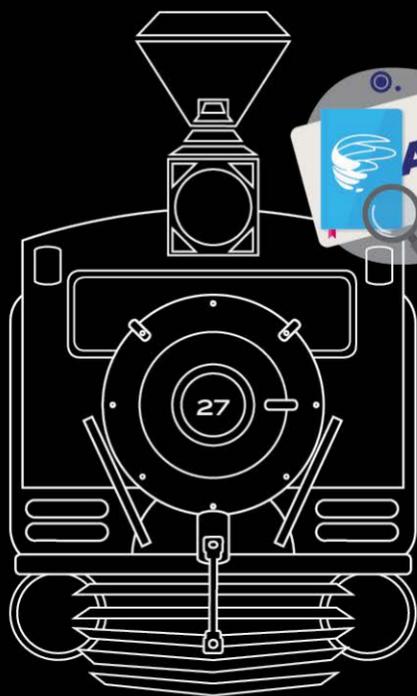


IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO



# A MORENA DA ESTAÇÃO

MANUAL DO  
PROFESSOR

Sieduc



**MODERNA**





IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO

# A MORENA DA ESTAÇÃO

MANUAL DO  
PROFESSOR

1ª EDIÇÃO

Sieduc

© IGNÁCIO DE LOYOLA BRANDÃO, 2021

COORDENAÇÃO EDITORIAL	Maristela Petrili de Almeida Leite
EDIÇÃO DE TEXTO	Carolina Leite de Souza
COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO GRÁFICA	Dalva Fumiko
COORDENAÇÃO DE EDIÇÃO DE ARTE	Camila Fiorenza
COORDENAÇÃO DE REVISÃO	Elaine Cristina del Nero
REVISÃO	Ana Paula Luccisano, Luciana Garcia
CAPA	Isabela Jordani
DIAGRAMAÇÃO	Cristina Uetake
PROJETO GRÁFICO	Camila Fiorenza, Isabela Jordani
COORDENAÇÃO DE PESQUISA ICONOGRÁFICA	Ana Lucia Soares
PESQUISA ICONOGRÁFICA	Carol Böck, Elaine Bueno, Fernanda Siwice
COORDENAÇÃO DE BUREAU	Américo Jesus
TRATAMENTO DE IMAGENS	Fabio N. Precendo
PRÉ-IMPRESSÃO	Helio P. de Souza Filho, Marcio Hideyuki Kamoto
COORDENAÇÃO DE PRODUÇÃO INDUSTRIAL	Wendell Jim C. Carneiro

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Brandão, Ignácio de Loyola

A morena da estação : manual do professor / Ignácio de Loyola Brandão. – 1. ed. – São Paulo : SIEDUC - Soluções Inovadoras em Educação, 2021.

ISBN 978-65-5761-144-9

1. Ficção - Literatura infantojuvenil
2. Literatura infantojuvenil I. Título.

20-46184

CDD-028.5

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Ficção : Literatura infantojuvenil 028.5
2. Ficção : Literatura juvenil 028.5

Maria Alice Ferreira - Bibliotecária - CRB-8/7964

Reprodução proibida. Art.184 do Código Penal e Lei 9.610 de 19 de fevereiro de 1998.

Todos os direitos reservados

**SIEDUC – SOLUÇÕES INOVADORAS EM EDUCAÇÃO LTDA.**

Rua Padre Adelino, 758 – Térreo, fundos, sala 1 – Quarta Parada  
São Paulo – SP – Brasil – CEP 03303-904



DE ACORDO COM AS  
DE NOVAS  
NORMAS  
ORTOGRAFICAS



*Para Totó, meu pai, e José, Inácia e  
Geraldo, meus tios, e Luis e Elza, irmão  
e cunhada, ferroviários que viveram a  
ferrovia e amaram os trens.  
E para Liliana Petrilli Segnini  
que conseguiu desvendar os bastidores  
desse mundo fascinante.*

R. ATALIBA  
ROGUEIRA



# SUMÁRIO

Prefácio – Trens, ah, os trens! 13

## ONTEM 19

1. Chegar de trem em São Paulo 21

2. Um trem voando baixo 26

3. As férias estão chegando 32

4. Embarcar na madrugada 41

5. Nunca viajar de costas 45

6. A palavra na janela embaçada 49

7. O delicioso Filé à Arcesp 54

8. O Morro Pelado 60

9. Solitário à beira da estrada 65

10. Escada para subir escadas 70

11. O homem do martelinho 74

12. O trem da felicidade 75

13. Enfrentando o trem cara a cara 79

14. O cão sabia como embarcar	84
15. Pequena história de amor	86
16. O trem do carnaval	92
17. A corrida da locomotiva solitária	96
18. Onde colocar o menino morto?	110
19. O trem barateiro	116
20. Trens políticos, monstros nos muros	118
21. O trem pagador e o trem da pinga	124
22. O poético e o exótico nas estações	127
23. Trens de pescadores	134
24. Mistério e luxo no Expresso do Oriente	135
25. O fascínio de um trem na tela	142
26. A morena da estação	156
27. O gigantesco congestionamento	168
28. A morte de Tolstói	172
29. O trem dos torcedores	175
30. Abandono e decadência	177

## **HOJE E AMANHÃ, TALVEZ O FUTURO** **181**

31. Cidade mágica, aparece, desaparece 182
32. Se eu fosse fazer um filme 188
33. Tiroteio na estação de Chicago 194
34. Bauru, a dignidade da velha estação 197
35. Restaurando verdadeiros palácios 202
36. A toda velocidade sem descarrilar 205
37. O trem por baixo da terra 210
38. O espantoso trem com 330 vagões 214
39. *All aboard* 216
40. Viagem por todos os ofícios numa só estação 218
41. O mistério da locomotiva suspensa 221
42. O trem para a China 227

**PARA FICAR POR DENTRO, 232**

**ESCREVER PARA SABER O QUE É A  
VIDA 244**

**PARATEXTO: A MORENA DA ESTAÇÃO  
– DECLARAÇÃO DE AMOR AOS TRENS  
EM TEMPO ACELERADO 247**







FRANCISCO  
OPES



## PREFÁCIO

# TRENS, AH, OS TRENS!

As novas gerações no Brasil nunca viajaram de trem, porque os trens desapareceram há anos. Digo os trens de passageiros, porque os de carga voltaram a existir e cruzam parte do país. Tudo bem que hoje se viaja de ônibus, de carro ou de avião. O avião é super-rápido, mas tem inconvenientes como a ausência de uma paisagem, a não ser diferentes tipos de nuvens, nada mais. E há ainda as longas esperas em aeroportos, lugares chatos. Há também a possibilidade frequente de cancelarem voos e te deixarem na mão. Há ainda o *overbook*, ou seja, vendem passagens a mais do que a

lotação do avião. Se você tiver sorte, viaja. Se não, terá de aceitar o que a empresa oferecer como compensação e viajar horas ou dias depois.

Quanto aos ônibus, em uma viagem rápida são suportáveis. Uma lei obriga os coletivos a andarem devagar, a 90 km/hora, de maneira que qualquer trecho é vencido em três, quatro horas. Mas viagens longas são tormentos. Você não pode esticar as pernas, porque se todo mundo resolver levantar e andar ao mesmo tempo, o corredor congestionava, ninguém se move. O banheiro é lá atrás e para se servir dele tem de ser equilibrista, a rabeira chacoalha para lá e para cá, e se você estiver de pé, faz xixi fora do vaso. As companhias de ônibus têm parcerias com os postos de estrada, de modo que você para naquele que elas querem e nem sempre são os melhores. Pão de queijo frio, café de coador nunca fresco, empadas, coxinhas, pastéis com consistência de borracha, espetinhos de frango, linguiça no molho de tomate, asinha de frango gordurosa. E gôndolas de tranqueiras e *souvenirs* de qualidade duvidosa.

Viagens de carro são viagens de carro. Conforto, mas você paga gasolina, paga pedágio (são dezenas, dependendo dos trajetos), e para nos mesmos postos dos

ônibus. Os radares fiscalizam, e se você sair da velocidade estabelecida, paga caro. As rodovias de São Paulo são boas, mas por aí fora é uma calamidade. Ao longo do Brasil espalham-se milhões de buracos cercados por pequeninos trechos de asfalto. No Norte, então, a televisão mostra todos os dias, em tempos de chuva, estradas de terra, caminhões, ônibus e carros atolados na lama. Entregue-se a São Cristóvão, padroeiro dos motoristas, e siga.

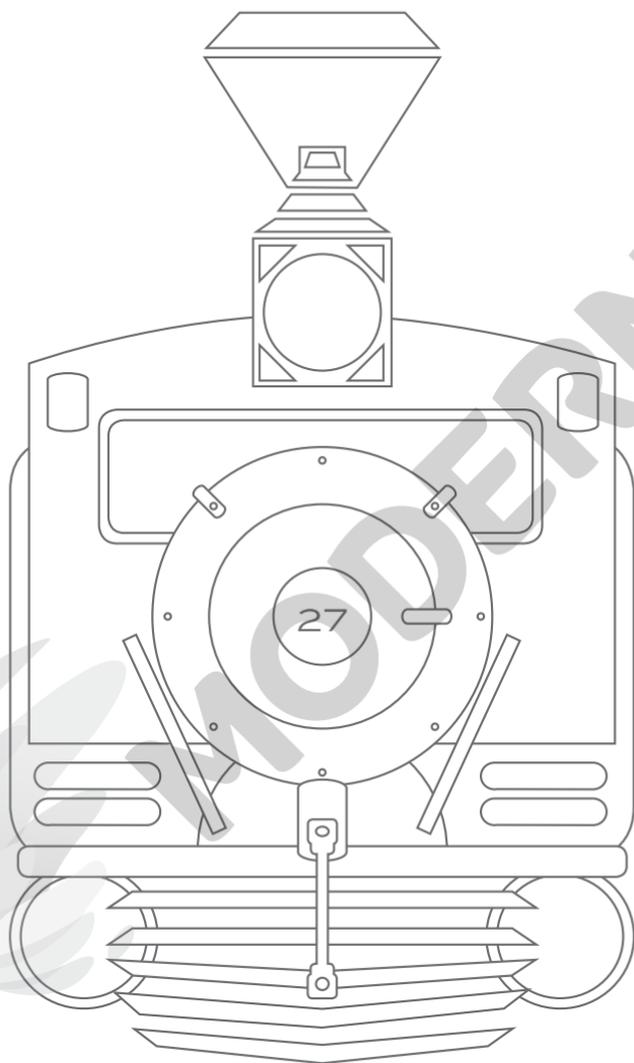
Bem, faça uns descontos, quem escreve é um homem apaixonado que passou parte de sua vida dentro dos trens. Quase nasci num trem. Não nasci, mas teria adorado. Minha família toda foi de ferroviários. Poucos viajaram como eu em todos os tipos de trens e puxados pelas mais diferentes locomotivas. No Brasil e no mundo. Ferrovias e trens sempre foram um mundo rico, fascinante, com luxo ou com aventuras. Os trens estão na literatura e no cinema. Portanto, vocês vão ler um texto de amor aos trens que, talvez um dia, voltem a circular com passageiros por este Brasil. Quando terminei este livro, escrito com afeto, percebi que acabou sendo uma espécie de memória de infância e adolescência, a mostrar as mudanças de mundo, usos e costumes. Um

tempo que existiu e que, às vezes, parece ficção. Mas há também a atualidade, os dias de hoje, alguns reencontros. Aqui estão crônicas, pequenos contos, lembranças, boatos, lendas, curiosidades, em torno de vagões, locomotivas, estações, trilhos e túneis. As delícias das viagens, os restaurantes e suas comidas, as paradas nas estações, a vida dos ferroviários, os trens noturnos, os namoros, a solidão, os vendedores de revistas, as brincadeiras aventureiras nos trilhos. Reconstituo a atmosfera em que vivemos por muitos anos. Sempre se fala que os trens voltarão. Se voltarem, vocês já saberão algumas coisas sobre eles.



MODERNA

Cyrola





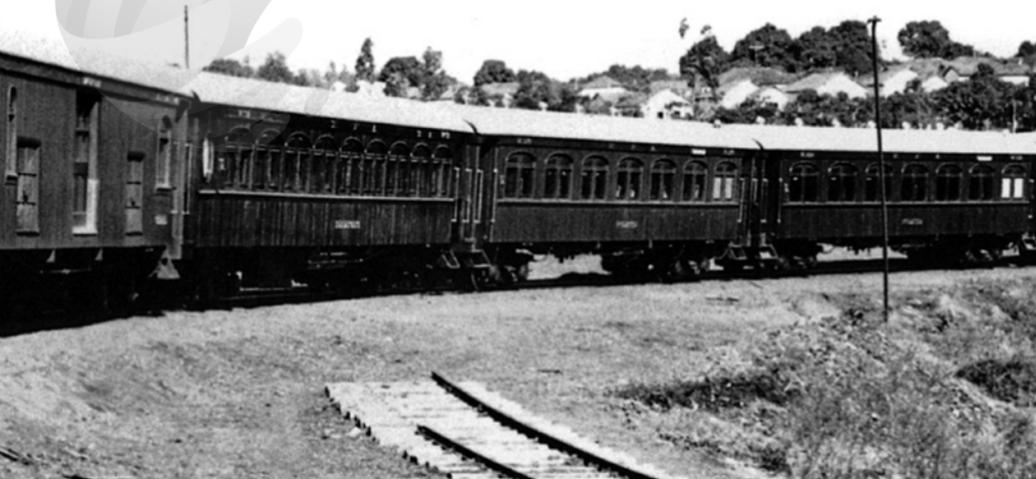


ONTEM



# 1. CHEGAR DE TREM EM SÃO PAULO

Meu segundo livro publicado foi o romance *Bebel que a cidade comeu*, que é também um relato sobre a geração que viveu os anos 1960 e ficou marcada por 1968, o ano que, de acordo com Zuenir Ventura, não terminou, tantas coisas aconteceram. Neste livro, o personagem principal, Bernardo, é uma espécie de meu *alter ego*. O que sonhei, o que vivi, o que ambicionava. O terceiro capítulo mostra a chegada de Bernardo a São Paulo. A narração, na verdade, é a minha chegada, as minhas sensações e emoções. Claro, cheguei de trem.



*“Bernardo cruzava o pátio, cinco para as seis. Todas as manhãs do primeiro, segundo e terceiro científico. Portão de ferro fechado com lâminas de lata marrom; o esgoto com grade de ferro brilhando, polida por mil sapatos; caminhos de cimento levando ao galpão; o lado das meninas de saia azul e blusa branca com o IEBA bordado em azul; o lado dos meninos, do mictório sujo e quebrado onde fumavam, do bebedouro que não funcionava; olhando o lado das meninas. A menina; separada na distância. Parado, sem nunca se aproximar. A olhar, querendo; tábuas marrom estreitas, que terminavam pontiagudas, lado a lado formavam proteção, no alto; as tábuas tinham nomes: escritos a giz branco que desapareceram quando pintaram as tábuas; o colégio mudou, ficou para a faculdade; esse o seu livro; a que interessa o livro de um tímido? Tímido porque quis, as meninas estavam lá a espera; queriam conversar, sair, ir ao cinema, namorar, beijar; gostava de se sentir infeliz? O que têm os outros com isso? Aquele desejo. A vontade não realizada, os momentos todos devem ter se cristalizado no ar, não podem estar perdidos; mas estão. Recordar; recordar é sentir que se está morrendo; viver grudado àquilo; nem o livro, nem nada para libertar; não gostar de nada, da gente, das casas, das coisas que faz, das conversas, do futuro na cidade.*”



## **Companhia Paulista de Estradas de Ferro**

---

A partir de 10 de janeiro, o trem das 7h10 não mais será formado nesta estação. Dois carros de primeira e dois de segunda serão anexados ao noturno que vem de Barretos.

**Assinado,**

**o chefe do tráfego**

**Araraquara**

---



“São Paulo.”

“Só ida?”

*Março, fim das férias. Embarcam todos de volta. Bernardo parte. Indo embora de vez. Sem querer voltar; sem precisar. Da bilheteria via a cidade mergulhada na madrugada; cordões de luzes nas ruas; a avenida descendo, subindo entre as árvores do largo da Matriz; a cidade envolvida num saco plástico.*

*Depois da Barra Funda o trem correu debaixo de um véu de fios elétricos. O trem entrou na plataforma. Ele desceu. Devagar. Como se o tempo fosse todo seu. Ou com medo de chegar. Empurraram. Cutucaram seu braço. Levado escada*

Lotação deste vagão:

**102 lugares**

Menores – senhoras – senhoritas  
desembarcando na Estação  
da Luz, procurem o posto de  
Polícia Feminina e encontrarão  
informações – orientação.

acima para as saídas da estação. Múcio ficara de vir esperar. Não estava. Cruzou as pontes metálicas sobre as plataformas, os trens apitando, campainhas de partidas, ruídos de ferro, clarões dos vagões, os fios elétricos. As pontes metálicas, cruas, toda a Estação da Luz, a imensa claraboia no teto, o ar inglês pesando em cima. Chegou à rua. Um clarão de sol, intenso, a rua aberta, os prédios. Centenas e centenas de edifícios abrindo-se ao céu claro de um dia de março, em pleno verão.

São Paulo.

E Bernardo a olhar.

Terror da cidade grande na primeira noite. Não saiu. Instalado num apartamento da rua Bresser, no Brás, numa esquina em que o bonde fazia a curva. Dormiu. Média, café com leite, pão e manteiga; ônibus verdes da empresa Alto do Pari deixam a Clóvis Bevilacqua.”

